

Natália Nunes

Rómulo de Carvalho escreveu os seus primeiros versos aos cinco anos. Produziu duas quadras e um poema, com excelente construção formal. Tratam-se de produções premonitórias da sua futura e excepcional expressão literária, não só em prosa correcta, clara e elegante, como através da poesia. A primeira quadra foi escrita a lápis, no verso de um triângulo de fechamento de um sobrescrito epistolar, porém, já continha a identificação de autoria “A 1ª quadra que eu fiz – 5 anos”: "Era uma vez um menino Que não era nada feio O que tinha de extraordinário feitiço no meio." A segunda quadra, tem como tema sua professora de instrução primária, Maria José Couto Machado, que estimava e respeitava. Nesta quadra, como na primeira, também fez a utilização de comparação metafórica. "Maria é o primeiro nome e José logo a seguir O Couto é para acender e o Machado para partir." Nesta quadra nota-se características da pessoa Rómulo e do poeta António Gedeão, o pensador Rómico, que os conhecedores da sua obra poderão precisar em muitos dos seus poemas. O seu primeiro poema, também aos cinco anos, Um casamento, composto de oito estrofes, mostra, mais uma vez, a notável capacidade de observação da vida com seus costumes, tradições e valores. O estudo destas três primeiras composições da idade infantil de António Gedeão, dado o seu conhecimento vocabular, a apreensão da técnica de rima e do ritmo, da arte de versejar, bem como a dos valores sociais da época, vem mostrar-nos a precocidade de um talento que mais tarde se afirmará como vocação. Escreveu ainda, composições poéticas entre os sete anos de idade (1913) e os doze anos (1918), estes com uma elevada crítica social aos valores, deveres, direitos e situação económica dos elementos componentes da sociedade da época. O Acróstico Anacleta, dos onze anos, apresenta-se escrito pela mão do próprio, embora sem assinatura (o que acontece em alguns versos da maturidade, que não estão assinados, ou apenas assinou A ou AG, ou António), a tinta vermelha, excepto a primeira letra de cada verso que, para o devido realce visual, foram escritas a tinta negra. Aos dez anos, o seu apreço pela literatura e história nacional é já muito profundo. Nessa idade já tinha lido Os Lusíadas, e então concebe um ambicioso e empolgante projecto, escrever a continuação desta obra. Chega a escrever XII estrofes a partir do canto XI, um feito tão extraordinário para uma criança de dez anos, que o pai entendeu que as estrofes produzidas deveriam ser dadas ao público e assim elas foram publicadas no Notícias de Évora: Um novo Camões de dez anos. Dos onze deixou também O Infante D. Henrique, e mais tarde aos dezasseis anos (1922) Castelo de Faria e aos 17 (1923) Joaneida. Muitos poemas produzidos após a adolescência e a juventude, o autor declarou tê-los destruído, provavelmente por razões íntimas. Em 1956 publica o primeiro livro de poemas da adultidade – Movimento Perpétuo. Desta fase foi também publicado o poema Molécula Sonâmbula. Além da poesia, tentou, igualmente, ainda na infância a comunicação pela narrativa em prosa através de dois romances: Um Romance e Amor Impossível. Da juventude sabemos da existência de três novelas, dos 21 aos 23 anos, A Primeira Paixão de Isidro, História Triste e Bárbara Ruiva já aos trinta e seis anos, mas que foram eliminadas pelo autor. Resta-nos, no entanto O caso do Caldas (de 1992), uma narrativa bem construída que exhibe conhecimentos científico-filosóficos da época. Da juventude restaram também alguns escritos de carácter humorístico, duas em verso rimado, que tem como tema assuntos científicos e outra Os Três Mosqueteiros de carácter nitidamente paródico. Escreveu, para o teatro, aos 23 anos em colaboração com seu amigo, Carlos Bana Quod Est, Est. Tenho a honra de pedir a Mão de Violante, levada a cena pela 1ª vez no Teatro de São Carlos, de Lisboa, em 19/07/1927, onde mais uma vez é relevante a sua crítica moral à sociedade da época. Outra peça teatral intitulada RTX 78/24, publicada em 1967 (1ª edição), também continha uma visível crítica social e foi levada à cena em vários Teatros na província e até no Brasil. Acerca da sua obra poética da maturidade, publicou aos 50 anos o livro Movimento Perpétuo, sob o pseudónimo de António Gedeão. Depois de 1956, os seus livros foram-se sucedendo e recebendo sempre aplausos de crítica e do público em geral. Ainda na idade adulta, publicou novelas como A Poltrona e Outros Contos, sendo a primeira em grande parte, autobiográfica.